

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

UM TRABALHO DE CAMPO PARA DESFAZER BOLHAS

Tânia Seneme do Canto
Unicamp
taniasc@unicamp.br

Nicolas Luís Germano
Unicamp
nickluis.stz@gmail.com

Oziel Ulisses Torriani Contarato
Unicamp
oziel.ulisses@gmail.com

Resumo

O trabalho apresentado discute a noção de “bolha” associada ao distrito de Barão Geraldo (Campinas-SP), frequentemente mencionada pelos estudantes de Geografia da Unicamp como um espaço limitado e homogêneo. A reflexão parte do entendimento de que as bolhas criam fronteiras entre dentro e fora, mas também possibilitam contatos e variações. Nesse contexto, desenvolveu-se uma experiência de campo na disciplina *Representações e Linguagens no Ensino de Geografia*, fundamentada na pedagogia do dispositivo e no uso articulado da cartografia e do cinema como linguagens para desestabilizar visões cristalizadas sobre o território. A atividade envolveu a divisão do mapa de Barão Geraldo em partes, entregues a grupos de licenciandos que definiram trajetos de exploração a pé e de ônibus, priorizando áreas pouco conhecidas. O cinema foi incorporado como dispositivo para deslocar o olhar dos estudantes, a partir de cartas com planos e movimentos de câmera que estimularam registros espontâneos do território. O roteiro de campo contemplou cinco pontos, nos quais foram experimentados diferentes modos de habitar e perceber Barão e seus arredores, como o Jardim do Sol, o Jardim São Marcos, a Avenida Santa Isabel, Betel e áreas periféricas do distrito. O ônibus, inspirado no cinema de Eduardo Coutinho, foi concebido como “prisão espacial móvel”, onde entrevistas revelaram percepções, afetos e inquietações dos estudantes sobre Barão Geraldo e sobre a própria prática de campo. A proposta, ao romper com metodologias convencionais, buscou ativar novas formas de atenção, promover encontros e produzir cartografias sensíveis, abrindo possibilidades de reconfiguração das experiências espaciais no ensino de geografia.

Palavras Chave: cartografia, dispositivo de criação, cinema, trabalho de campo

Bolhas, limites e contatos

No distrito de Barão Geraldo (Campinas – SP), a torto e a direito, falamos e ouvimos falar que vivemos em uma bolha, a Bolha de Barão. Os estudantes do Curso de Geografia da Unicamp, independentemente se residem ou não no distrito, repetem cotidianamente este enunciado, nos fazendo questionar: O que faz Barão Geraldo ser percebido como uma bolha pelas pessoas? Será que apenas Barão Geraldo é visto como uma bolha por estes estudantes? Quantas bolhas existem no mundo? Quais bolhas conseguimos furar?

A tal da bolha é usada para falar daquilo que se encontra hermeticamente fechado, sem espaço para algo que não faça parte dela entrar ou sair. Paradoxalmente, no entanto, ela parece ser muito sensível ao contato com qualquer coisa que seja estranha a ela. Então, podemos dizer que uma bolha estabelece limites entre o que pode estar dentro e o que pode estar fora, ao mesmo tempo em que é capaz de sentir muito facilmente as variações que se dão em seu entorno. Ou seja, os limites de uma bolha é justamente o que permite produzir separações, divisões, mas também contatos e encontros.

Refletindo sobre todas estas questões e buscando desfazer, ou melhor, produzir algum tipo de variação nas bolhas que habitam estes estudantes e são habitadas por eles, realizamos um trabalho de campo com licenciandos do 5º período do curso de geografia junto a uma disciplina denominada “Representações e Linguagens no Ensino de Geografia”. Esta disciplina, como o nome mesmo indica, trata de trabalhar diferentes linguagens na formação de professores e professoras a fim de possibilitar a criação de práticas pedagógicas voltadas ao ensino de geografia. Sendo assim, tendo como fundamento a pedagogia do dispositivo, apostamos na linguagem da cartografia e do cinema para desenvolver um trabalho de campo que permeasse alguns limites de Barão Geraldo e seu potencial para desestabilizar olhares e pensamentos cristalizados sobre este território e sobre a própria prática de campo na educação geográfica.

Mapa, cinema e dispositivo

Quando aproximamos o cinema e o conceito de dispositivo, trabalhado por Migliorin (2005) e Fórum Nicarágua (2021), da cartografia, estamos a defender a ideia de que esta linguagem pode ser concebida também como um processo de devir, isto é, com potencial de tornar--se outra a partir de práticas e experimentações com diferentes linguagens e modos de fazer notar o espaço. Como diz Girardi (2014), o mapa que aprendemos a reconhecer como mapa tem origem em uma noção de espaço entendido como receptáculo e com uma geometria explícita passível de ser convertida em imagem por um conjunto de regras estabelecidas no campo da cartografia. Com isso, tendemos a tomar como mapa um sistema de códigos capaz de fixar determinados sentidos sobre determinados territórios. No entanto, podemos tomar o mapa também como um sistema aberto, movente, "conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente", como coloca Deleuze, e fazer assim emergir uma multiplicidade de sentidos e espacialidades.

A linguagem do cinema e o conceito de dispositivo entram nesta experiência de trabalho de campo justamente com objetivo de liberar o mapa de Barão Geraldo de uma imagem estática, de sentidos fixos. Para tanto, propusemos aos licenciandos um conjunto de procedimentos para traçar as rotas que poderiam fazer a Bolha de Barão variar no trabalho de campo e outro conjunto de procedimentos voltados para ativar novas formas interação com este território.

Para traçar as rotas do campo o dispositivo utilizado foi um mapa que apresentava o distrito de Barão Geraldo (Campinas-SP) como um todo e um pouco além dos seus limites político-administrativos. Esse mapa foi dividido em 4 partes e cada parte foi entregue separadamente a um grupo de alunos e alunas. O objetivo desta repartição do mapa era permitir que os grupos explorassem e interagissem com a imagem de um modo diferente do habitual. Os grupos, então, não tiveram acesso ao mapa de toda a área ocupada pelo distrito, mas apenas

a partes dele. Isso fez com que os grupos se perguntassem sobre o que estava dentro e o que estava fora de Barão.

Com estes mapas em mão foi pedido aos grupos que selecionassem nos mapas trechos para serem percorrido a pé e de ônibus no trabalho de campo. Estas rotas foram definidas a partir de diferentes critérios pelos grupos, mas na conversa após a realização da atividade, tomou-se consciência que a maior parte delas foram estabelecidas pelo desconhecimento e curiosidade genuína sobre os lugares que os estudantes não percorriam em seu cotidiano em Barão Geraldo. Ou seja, havia um desejo de pisar e se movimentar por outras terras. Estes mapas foram depois reunidos e para viabilizar a realização do trabalho de campo ao longo de um dia, conectamos alguns trechos uns nos outros, criando um roteiro com 5 pontos de parada.

Usar o cinema como um agente atravessador da interação dos estudantes com espaço nesta proposta de trabalho de campo foi uma das questões que mais ocupou nossas discussões e reflexões. Muitos filmes foram assistidos na disciplina e algumas experiências pontuais que visavam aproximar os estudantes dessa linguagem foram realizadas. Trabalhos como “Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos” (Migliorin et al, 2016) e outros que abordam uma metodologia de criação de dispositivos com o cinema (Migliorin, 2005; Lins, 2004) nos apresentou a possibilidade de pensar o cinema como agente transformador das práticas habituais que realizamos com a imagem nos trabalhos de campo em geografia, fazendo o registro fugir do representativo e ser posto à prática do processo do acontecimento. Para tanto, foram feitas cartas com elementos narrativos usados no cinema a fim de serem colocados em prática pelos grupos na criação de quatro tomadas ao longo de toda a atividade.

Assim, as cartas combinavam um tipo de plano e um tipo de movimento de câmera conforme às possibilidades abaixo.

- Planos: plano aberto, médio, fechado, primeiríssimo plano e plano detalhe
- Movimento de câmera: panorâmico (movimento horizontal), tilt (movimento vertical), traveling (câmera desloca-se da mão do operador), zoom (vária o ângulo visual) e parada (câmera fixa).

As cartas foram distribuídas para os grupos no dia do campo de forma aleatória, evitando informar os alunos previamente sobre as linhas duras que seriam inseridas para diminuir as chances deles pensarem e planejarem as filmagens previamente e possibilitar os afetos espontâneos que poderiam se dar no campo no ato de filmar. Vale destacar que nada impedia os grupos de fazerem todas as filmagens num único ponto, ou somente no ônibus. Contanto que estivessem seguindo as regras da carta, o criar poderia se manifestar das mais variadas formas.

Cartografias possíveis de uma outra Barão Geraldo

Diante da necessidade de se estabelecer outros modos de perceber e habitar o território de Barão Geraldo, exploramos a potencialidade do cinema e da pedagogia dos dispositivos para desenvolver afetos outros nos estudantes envolvidos com a prática de campo. Desta maneira, o território do distrito de Barão Geraldo foi acessado em outra dimensão, para além de uma esfera de vivências pautadas no contexto universitário e na convencionalidade dos espaços próximos ao campus da Unicamp para o bem viver em tal contexto.

Deste modo, foi possível acessar o território de Barão Geraldo através das lentes das câmeras fotográficas e celulares utilizados para o desenvolvimento das atividades envolvendo a produção de materiais audiovisuais. Esse acesso se deu numa tentativa de captura de uma espécie de performance espacial no distrito em questão, a qual passa a se transformar a partir do momento em que a câmera é ativada e o dispositivo acionado.

No primeiro dos cinco pontos visitados, mapas são dispostos sobre o chão do Jardim do Sol. As ruas com nomes de planetas e corpos celestes foram inundadas com a presença de pessoas portando suas câmeras e seus desejos de capturarem olhares outros para um distrito que há muito já parecia ter adentrado uma dimensão da banalidade e do corriqueiro, nas quais os detalhes não são percebidos com devida atenção e as outras formas de viver, habitar e se relacionar com o espaço não ganham espaço para emergirem diante da rotina dura e cronometrada.

No Jardim do Sol, muitos adultos voltaram a ser crianças. E isso pode causar incômodos nos adultos que ainda não se permitiram reviver a infância, mesmo a infância dos adultos [hipoteticamente] não sendo tão animada e ruidosa quanto a infância das crianças.

No segundo ponto visitado, o olhar para Barão Geraldo se deu por fora e na tentativa de perceber e ser afetado pela presença desse distrito para além de seus limites político-administrativos. Pelas grades intercaladas com folhas e cipós e ao som de altas músicas que também compõem a paisagem sonora, o Jardim São Marcos ganha vida diante de lentes que são acostumadas com a vivência universitária de Barão Geraldo. Apesar da proximidade métrica entre Barão Geraldo e o Jardim São Marcos, muito ainda parecia desconhecido neste último. Córregos, campos, casas, estabelecimentos, ruas, carros, ônibus, sons, sabores, frutas, legumes, crianças, quadras, bolas, redes, brincadeiras, jogos. Uma construção mútua entre Barão Geraldo e São Marcos se dava a partir do encontro entre os estudantes, as lentes e os espaços.

No terceiro ponto do trabalho de campo, um dos corações pulsantes da vida universitária de Barão Geraldo foi colocado em xeque: a avenida Santa Isabel. Diante do intenso ruído das vidas humanas nesta localidade, o que é não humano resiste e re-existe, ocupa seus pequenos espaços de modo a passar despercebido pelos olhares dos corpos que seguem a rotina acadêmica. As folhas caídas ocupam seu leito de descanso enquanto os carros aceleram pelo chão pavimentado e impermeável. Os troncos permanecem rígidos e vivos enquanto as pessoas correm para alcançar o ônibus. A comida se faz presente no espaço pelo seu cheiro agradável e contaminante. E assim o que era tido como uma *paisagem da mesmice* passa a entrar em movimentos de variação, de captação de vidas outras e geografias outras.

No quarto ponto da atividade em questão novamente tivemos a oportunidade de olhar Barão Geraldo por fora de suas linhas delimitantes. Quais vidas podem emergir quando damos um passo para fora do território que costumamos habitar? Quais perspectivas podem nascer quando olhamos para nossos espaços e espacialidades pelo lado de fora? O que pode surgir quando o meu mapa se encaixa nos interstícios de blocos rígidos de concreto? Em Betel foi possível observar vidas que margeiam a vivência universitária da Unicamp em múltiplos modos de existir, os quais ganharam materialidade a partir das experiências com o audiovisual.

Já no quinto e último ponto pudemos experimentar um pouco de Barão Geraldo pelas suas margens, em localidades que tendem a ser pouco exploradas pelos indivíduos mergulhados no cotidiano acadêmico. Carrapatos, rios, cipós, matas adensadas, esgotos, cachorros, folhas, solos, linhas, pedras, água... e mapas! Elementos humanos e não humanos que diariamente constroem o que chamamos de distrito de Barão Geraldo, porém são ofuscados pela vivência universitária colocada num pedestal sustentado quase que exclusivamente por conveniências e praticidades. A sustentação desses pedestais, entretanto, teve sua composição abalada pelo encontro com o cinema nesse território, criando tensões e desestabilizações que foram capazes de estabelecer novos agenciamentos para o que é tido como o distrito de Barão Geraldo.

O ônibus como dispositivo: “Coutinhando” pelo trajeto

Ao longo do trabalho de campo os alunos e alunas foram entrevistados por um dos pesquisadores da equipe. As entrevistas tiveram como inspiração o cinema de Eduardo Coutinho. Vários aspectos da metodologia do diretor na criação de seus filmes documentários desdobraram-se para os momentos de deslocamento dos estudantes no transporte adotado para a realização da atividade. Encarar o ônibus como uma prisão espacial, assim como Coutinho trabalha o dispositivo em seus filmes:

O que realmente me interessa é o dispositivo, pode-se chamar também de método. Eu fui descobrindo, pouco a pouco, que o dispositivo mais essencial para mim é a prisão espacial. Trata-se de metonímia, eu não quero falar de determinado país, ou religião, ideias gerais eu jogo fora. Eu aprendi que a prisão espacial é fundamental para mim (COUTINHO *apud* LINS, 2004, p. 101).

Em nosso processo de escolhas, o ônibus funciona como um elemento comum a todos, nossa linha dura e prisão espacial, com a característica particular de ser móvel e ter sua paisagem externa transformada constantemente a cada conversa, porém fixa em seu limite interno. A intenção da filmagem era permitir que as mais diversas relações estabelecidas pelos dos participantes com o campo a sua visão do território de Barão Geraldo pudesse ganhar uma linguagem. Assim, indo além do processo de criação proposto aos alunos através das cartas, nós enquanto pesquisadores nos colocamos sob o mesmo processo, mas com regras diferentes.

O graduando pela nossa câmera tem voz, rosto, história e suas considerações sobre o lugar em que vive sua rotina. Destrinchar como essas manifestações operam em contraste com a aposta do dispositivo como um acontecer espontâneo das regras de filmagem era um dos nossos objetivos. Logo, o que se mostrou fora de controle foram as turbulências do ônibus, controlar o movimento da câmera em relação a estrada, o estranhamento dos alunos com a dinâmica, a própria câmera os confrontando, o nervosismo do *cameraman* conduzindo a conversa e a expectativa de chegar a algo para além do processo como método pedagógico. Eram dois ônibus, no primeiro ônibus realizamos as conversas iniciais, percorrendo os dois primeiros trechos do roteiro de campo. As conversas iniciaram com Barão. Perguntas como: O que pensa de Barão Geraldo? Quanto você conhece desse lugar? Sabe para onde estamos indo? Reconhece o lugar visto pela janela? Todas marcadas por um nervosismo aparente e a

descoberta sobre como proceder, qual a pergunta ideal e como provocar esse aluno para falar, seja o que for.

Adiantando para a segunda rodada de perguntas no segundo ônibus, mais preparados mentalmente para as instabilidades dos ônibus, os alunos mais despertos e a coragem necessária tomada, as perguntas evoluíram para um tom mais íntimo: O que menos gosta em Barão? O que mais gosta? Qual é sua rotina nesse lugar? Como encara este trabalho de campo? Para você este campo foge do padrão dos outros campos oferecidos pelas disciplinas da Geografia?

A aposta em uma metodologia de campo nada convencional. Geógrafos em formação condicionados a um trabalho de campo padrão em busca da criação, sem um relatório técnico para responder, sem ter que prestar atenção no professor explicando, apenas a interação com o meio mediada pela provocação de um outro modo de atenção para Barão. Esse processo é expressado com falas de angústia. “Como proceder sem direções claras do que filmar, ou fazer?”

Referências

- GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapas e experiência. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, jan./jun., 2017. Disponível em <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/485/227>
- FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, Cezar; GARCIA, Luiz; PIPANO, Isaac; RESENDE, Douglas). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, Cesar; OMELCZUK, Fernanda; REZENDE, Luiz Augusto (Org.). *Cinema-Educação: políticas e poéticas*. Macaé: Editora NUPEM, 2021.
- LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- OLIVEIRA JR, W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: *XI Encontro Nacional De Prática De Ensino De Geografia*. Goiânia, 2011. Anais do XI ENPEG, v. 1. Goiânia, 2011.
- WUNDER, Alik. Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma universidade. In: MUNDURUKU, Daniel; TAUKANE, Darlene Yaminalo; NUNES, Isabella Rosado; NEGRO, Mauricio. *Jenipapos: diálogos sobre o viver*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2022, p. 52 - 61.
- MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. *Digitagrama: Revista Acadêmica de Cinema*, 2005. Disponível em: <https://estudosaudiovisuais.files.wordpress.com/2013/04/o-dispositivo-como-estrategia-narrativa.pdf>. Acesso em: 5 out. 2024.
- MIGLIORIN, Cezar.; PIPANO, Isaac; GARCIA, Luiz; GUERREIRO, Alexandre; NANCHERY, Clarissa; BENEVIDES, Frederico. *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*. 1. ed. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- GIRARDI, Gisele. Cartografia geográfica: entre o “já-estabelecido” e o “não-mais-suficiente”. *Revista Ra'e Ga - Curitiba*, v. 30, p. 65-84, abr/2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36083/22263>